

OS ETNÓGRAFOS LOCAIS E O SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL. UM ESTUDO DE CASO ¹

Vera Marques Alves

No contexto de uma investigação sobre as práticas e os discursos etnográficos no Estado Novo, este artigo procura estabelecer alguns dos parâmetros gerais que pautaram as relações do órgão máximo de propaganda do regime (SPN, depois SNI) com os etnógrafos da periferia. Tendo em conta a colaboração de um erudito de Castelo Branco, Eurico de Sales Viana, em várias iniciativas folcloristas deste organismo, abordaremos os processos efectivos de construção da cultura popular promovidos pelo SPN/SNI. Através deste estudo de caso propomos também identificar o tipo de aptidões que o Secretariado valorizava nos seus intermediários. A presença de Sales Viana no processo de celebração da «Aldeia mais Portuguesa de Portugal» permitiu, simultaneamente, confrontar as práticas etnográficas do SPN/SNI com um dos vectores mais recorrentes do seu discurso: Monsanto como símbolo de um suposto «mergulho na terra portuguesa».

Em 1933, o Governo de Oliveira Salazar cria o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), colocando António Ferro na sua direcção. Directamente dependente da Presidência do Conselho, o SPN fica encarregue de fornecer uma imagem politicamente eficaz do regime dentro e fora das fronteiras do país ². Juntamente com as artes plásticas, o teatro e o cinema, o Estado Novo passa a integrar as práticas e discursos etnográficos no manancial de recursos culturais que coloca ao serviço da sua retórica nacionalista. Promove concursos de ranchos folclóricos, edita obras com a participação de vários etnógrafos e, em especial, lança exposições de arte popular.

É neste contexto que Eurico de Sales Viana (1891-1973), membro da elite de Castelo Branco, estabelece uma acelerada, mas rica, troca de correspondência com Francisco Lage (1888-1957), o responsável directo pelas práticas folcloristas do Secretariado ³. Estávamos em 1942 e Sales Viana participava activamente na organização de uma exposição sobre Monsanto, que, havia quatro anos, fora eleita a aldeia mais portuguesa de Portugal num concurso igualmente promovido pelo Secretariado. É a propósito desta mostra que surge o epistolário referido. Pelas suas potencialidades, o acervo sugeriu, de imediato, o desenvolvimento de um estudo de caso sobre a ligação entre Sales Viana e o SPN.

¹ Este artigo insere-se numa pesquisa mais vasta, actualmente em curso, sobre as práticas e os discursos etnográficos no Estado Novo, desenvolvida no contexto da elaboração de uma tese de doutoramento, e objecto de uma bolsa do programa Praxis XXI. O presente texto deve muito às pessoas que, em Castelo Branco, fizeram o seu melhor para me ajudarem na recolha, que se mostrou difícil, de informações sobre Eurico de Sales Viana. Estou especialmente reconhecida pela disponibilidade de Clara Vaz Pinto, directora do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Agradeço também a Antero Tomás (cujos laços de amizade que o ligaram àquele folclorista este texto não pode testemunhar) e a António Calmeiro. O meu grande reconhecimento vai para António Arnel Afonso e, em especial, para Maria Cecília Sales Viana Campos Ferreira. Foi devido à sua grande abertura e trabalho desenvolvido na procura de elementos sobre seu pai que pude levantar parte do véu que envolve o percurso desta figura de Castelo Branco.

² Sobre a acção do SPN no seu conjunto, cf. Paulo 1994, Ó 1992, Henriques 1990.

³ Este acervo, como as restantes fontes primárias utilizadas neste artigo, encontram-se no arquivo do ex-SNI, que tenho vindo a trabalhar no âmbito da minha investigação.

Tomando em consideração a esteticização como modo de representação da cultura popular por excelência no seio do SPN/SNI, apresentaremos um esboço das relações entre este organismo e os saberes locais que ajudará a compreender o lugar proeminente que o erudito albicastrense ocupou como colaborador daquele organismo. Simultaneamente, a acção de Sales Viana junto do Secretariado surge como observatório privilegiado do folclorismo oficial, permitindo iluminar os mecanismos através dos quais se processou tal esteticização e identificar as aptidões que aquele departamento estatal privilegiava nos seus intermediários. Atribuindo particular relevo à participação de Sales Viana em iniciativas em torno de Monsanto — a aldeia mais portuguesa de Portugal, celebrada como “síntese da raça” pelo SPN (Ferro 1947) ⁴ —, este estudo de caso levar-nos-á a discutir, finalmente, o lugar da etnografia local no seio da relação que se estabelece entre folclore e nacionalismo durante o Estado Novo ⁵.

A esteticização da cultura popular: vector central do projecto etnográfico do organismo de propaganda do Estado Novo

Embora só em 1944 — quando o SPN é substituído pelo Secretariado da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) — surja legislação a discriminar o campo de actuação etnográfica no seio da actividade geral do organismo, podemos dizer que Ferro definira e desenvolvera desde cedo um programa de iniciativas folcloristas para o Secretariado. Longe de poder ser interpretada como uma nova orientação, a alteração jurídica de 1944 não é senão o reflexo do peso que tais actividades tiveram no seio do SPN desde meados dos anos 30 ⁶. Lembramos que é o organismo dirigido por Ferro que fica encarregue das representações da “etnografia da metrópole”, presentes na célebre Exposição do Mundo Português de 1940, cerimónia de exaltação da “nação” e do regime. O Centro Regional, nome dado a tal sector da exposição, tinha entretanto origem num conjunto de mostras de arte popular portuguesa que o Secretariado vinha promovendo desde meados dos anos 30. É o caso da Exposição de Arte Popular Portuguesa enviada a Genebra em 1935, depois ampliada e apresentada em Lisboa, em 1936, bem como da mostra efectuada no pavilhão português da Exposição Internacional de Paris de 1937, repetida, em 1939, na Feira Mundial de Nova Iorque e na Exposição de São Francisco ⁷. Podemos mesmo dizer que o Centro Regional começa a ser pensado quando, em 1935, o Secretariado cria

⁴ Este artigo reabre assim um *dossier* iniciado por Joaquim Pais de Brito no artigo “O Estado Novo e a Aldeia mais Portuguesa de Portugal”, de 1982.

⁵ Várias obras têm destacado a utilização da etnografia como idioma da construção da identidade nacional. Cf., por exemplo, Herzfeld 1983, Wilson 1976, Karnoouh 1990 e Löfgren 1993.

⁶ Segundo os historiadores, a transformação do SPN em SNI não constitui muito mais do que uma alteração de nomenclatura, a acompanhar os novos rumos do quadro político europeu. Heloísa Paulo, por exemplo, fala de uma nova fachada para um velho aparelho de propaganda (cf. Paulo 1994: 76).

⁷ Sobre a sucessão de eventos que marcam a política etnográfica do Secretariado, cf., por exemplo, Ferro 1948b.

a Comissão de Etnografia Nacional atribuindo-lhe como função prioritária “a realização de uma exposição nacional de folclore e etnografia na qual figurariam os aspectos mais representativos e característicos de cada província” (*Diário Português*, 9/5/1935) ⁸.

Denunciando a precocidade do projecto etnográfico no seio do SPN, o programa desta comissão antecipa também a definição do grande vector que guiará o desenvolvimento das actividades folcloristas de tal organismo: a ênfase dada à exibição de objectos. Silenciando, ao mesmo tempo, a pesquisa ou o interesse na publicação de material escrito, tal programa já encerra a tendência para a esteticização dos dados etnográficos e a transformação da cultura popular em puro objecto de encenação, bem visível no tipo de eventos que virão a marcar a acção superintendida por Ferro. Exemplos desta tendência são os espectáculos do Grupo de Bailados Verde Gaio, que evocam as danças e costumes populares, as exibições de ranchos folclóricos ou, ainda, os álbuns ilustrados de arte popular, os quais, pela profusão de desenhos estilizados, mais do que textos escritos, são autênticos objectos de contemplação ⁹. As exposições, grande marco da acção de Ferro neste domínio, comungam da espectacularidade de tais iniciativas, num processo que virá a culminar na inauguração do Museu de Arte Popular, em 1948. Subjacente ao uso privilegiado das representações visuais na área da etnografia estava a própria sobrevalorização da faceta artística da cultura material do mundo rural, com a consequente eliminação dos elementos pouco condizentes com uma imagem espiritualizada do “grande poeta que se chama ‘povo português’” (Ferro 1940: s.p.).

A relação com as etnografias locais

Será neste quadro de apropriação da cultura popular que podemos encontrar parte dos factores explicativos das relações entre o Secretariado e os saberes da periferia. É assim que o registo verbal e escrito dos folcloristas locais parece ser colocado à margem do esforço do SPN/SNI, enquanto as encenações locais da cultura popular, coadunando-se melhor com o programa esteticizante do Secretariado, apresentam maior visibilidade na rede de contactos do mesmo organismo ¹⁰. Deste modo, são em grande número os notáveis locais

⁸ Sabendo também que esta parte da exposição é desenvolvida na antevisão da criação do que vem a ser o futuro Museu de Arte Popular, torna-se ainda mais forte a percepção da existência de uma política definida para a área folclorista no seio do Secretariado, muito antes de 1944.

⁹ Ver, a propósito, SPN 1942b, ou SPN 1937.

¹⁰ O SPN chega a promover, em 1943, um concurso de monografias regionais. Não conhecemos um conjunto organizado de edições resultante de tal iniciativa. Num dos livros aparentemente oriundos deste concurso — obra dedicada a Linhares — os esboços de registo etnográfico misturam-se com uma visão turística da terra. O livro é constituído por capítulos como «A Igreja»; «O Castelo»; «As Condições Climáticas» — Linhares seria uma “estância de repouso a que não faltam condições que a recomendam”; «Percurso Turístico»; «Pescas»; «Caça». Entre estas matérias surgem depois capítulos dedicados ao traje feminino, ao traje masculino e ao cancionero. Embora o autor destaque, em epílogo, a importância da parte etnográfica do volume, a sua função não deixa de ser, quanto a nós, a de participar na construção de imagens acabadas de tipos locais que, juntamente com as igrejas e os castelos sirvam de “cartaz” de Portugal. Cf. Franco 1944.

que, dirigindo ou pretendendo criar ranchos folclóricos, escrevem ao Secretariado solicitando os seus favores. Destes, contudo, o SNI não deixa de desconfiar. Em 1944, por exemplo, em ofício dirigido a um elvense que pretendia levar às festas de Badajoz um rancho folclórico, Francisco Lage é bastante categórico na afirmação das reservas do SPN sobre este tipo de grupos de danças e cantares:

São pouquíssimos, mesmo raros, os ranchos ou grupos regionais que merecem confiança a este Secretariado para uma representação portuguesa em qualquer parte e muito menos fora de fronteiras. A grande maioria pelo trajos que usam, danças e cantares que exibem, não passam de fantasias de mau gosto, com deturpações horríveis e absolutamente influenciadas pelas revistas e teatros populares de Lisboa ¹¹.

Para o Secretariado o esforço na área da etnografia era também um investimento na educação estética. Ferro considerava, assim, que uma das conquistas do organismo teria sido a modificação quase inconsciente dos hábitos daqueles que “[...] preferem agora a jarra de Estremoz ao triste solitário, o azulejinho de motivos populares — que apareceu pela primeira vez no pavilhão de Paris — ao azulejo banalmente floreado [...]” (1948a: 8). Ao mesmo tempo, o Museu de Arte Popular era considerado uma escola de bom gosto (cf. Ferro 1948b: 22). Contudo, na política etnográfica do Secretariado, e ao contrário do que o seu director sugeria, não era a arte popular que dava lições de «bom gosto» à elite, mas sim o «bom gosto» da elite que era projectado na arte popular, seleccionando, recriando e encenando os seus produtos, depois apresentados como cenário da portugalidade.

É assim que Ferro resolve definir uma política em que são os delegados do SPN/SNI a escolher os grupos folclóricos a utilizar em iniciativas promovidas pelo Secretariado. Deste modo, passam a ser as regras deste organismo a comandar tais encenações, e os júris compostos por folcloristas e artistas próximos do Secretariado a seleccionar os ranchos. Ferro é, aliás, bastante claro quando, no discurso de apresentação da mostra «Catorze Anos de Política do Espírito», afirma que gostaria que naquele certame “[...] o “Verde Gaió” dançasse, e fossem exibidos os puros ranchos folclóricos *seleccionados por nós* (...)” (1948a: 8; itálicos nossos). Assim, se o SPN não reconhece a muitos eruditos locais a capacidade de recriarem a cultura popular, não é para mostrar as danças e canções dos camponeses tal como elas seriam executadas fora do domínio erudito. É para orientar a produção etnográfica local de acordo com os parâmetros de bom gosto encarnados pelo Secretariado. É assim que, já em 1947, cria os concursos de ranchos folclóricos. Com eles o SNI teria desenhado “o mapa, definitivamente, de tudo quanto existe de são, dentro do país, nas danças e no canto popular [...]” (Ferro 1948b: 20).

¹¹ Cf. ofício de 29/4/1944.

Os colaboradores mais próximos do SPN/SNI

Contrastando com o distanciamento generalizado em relação ao saber local, o Secretariado construiu algumas relações intensas e prolongadas no tempo com um pequeno número de eruditos locais. Se este quadro parece contradizer a atitude de desconfiança do SPN/SNI em relação às etnografias da periferia, não é, contudo, senão o outro lado da mesma moeda. Ao escolher um conjunto limitado de colaboradores na província, o Secretariado mostra que não pretende inventariar e multiplicar os conhecimentos sobre a etnografia portuguesa. Com efeito, não há testemunho da organização sistemática de contactos com etnógrafos locais espalhados pelo país¹². Privilegiando a enenação da cultura popular, o Secretariado não necessita de estabelecer uma rede de relações com etnógrafos locais, mas sim de alguns colaboradores que ajudem a dar visibilidade a um quadro preestabelecido sobre a cultura popular. Para o SPN/SNI, o etnógrafo local é menos um informante do que alguém que, participando minimamente da visão etnográfica do Secretariado, dê corpo a um projecto que vive sobretudo de símbolos e ícones.

No grupo de etnógrafos locais que colabora estreitamente nas iniciativas do SPN/SNI cabem, desde logo, os poucos dirigentes de ranchos folclóricos que merecem a confiança do Secretariado. É também neste grupo que se insere Eurico Sales Viana, cuja colaboração com o Secretariado se estende de finais dos anos 30 até, pelo menos, aos anos 50.

O perfil de Sales Viana¹³

Na etnografia que se debruça sobre a antiga província da Beira Baixa nos anos 30 e 40, destacam-se nomes como o de Jaime Lopes Dias (1890-1977) com a sua vasta *Etnografia da Beira* ou, num nível mais modesto, o de Adelino Cordeiro (1889?-1959), autor de vários volumes dedicados aos “costumes” de Penamacor. Sales Viana, pelo contrário, tem uma bibliografia etnográfica escassa e pouco sistemática. Para além de artigos dispersos nos jornais, escreve dois

¹² No contexto da organização do Centro Regional da Exposição do Mundo Português, Luís Chaves terá utilizado — não sabemos com que extensão — a rede de etnógrafos locais construída por Leite de Vasconcelos. Pelo menos é o que sugere um estudo do espólio do investigador de Portel A. Pombinho Júnior, que menciona o envio de um relatório sobre doçaria a L. Chaves (cf. Sousa 1995: 11). Contudo, este caso não apresenta continuidade nos anos subsequentes a 1942, período para o qual remete a documentação consultada no arquivo do ex-SNI. Presumimos, aliás, que este relatório serviria para cobrir alguma falha num esquema preestabelecido, não correspondendo à intenção de multiplicar os conhecimentos sobre este assunto.

¹³ É importante registar que não pretendemos apresentar neste artigo um retrato completo da figura de Sales Viana. Apesar de termos tentado reconstituir parte da sua trajectória intelectual, profissional e social, sabemos que estamos a dissecar o seu percurso quando nos centramos na sua colaboração com o SPN/SNI, empobrecendo inevitavelmente uma personalidade que se definia sobretudo pelo seu grande eclectismo. A imprensa local e algumas entrevistas foram dois instrumentos decisivos neste vector da pesquisa.

textos para o SPN nos anos 40, vindo a publicar um opúsculo sobre as colchas de Castelo Branco, em 1957, e uma brochura sobre o traje da Beira Baixa, já nos anos 60¹⁴. A sua acção incide sobretudo nas exposições, cortejos e na organização de ranchos folclóricos, sendo, aliás, estas iniciativas que estão na base da publicação da maior parte dos seus textos. Como patenteiam as palavras que se seguem, em 1949 Sales Viana já era reconhecido como figura de destaque nesta área:

O folclore da Beira Baixa é dos mais belos e típicos do país, como se tem verificado na múltiplas e brilhantes exibições públicas dos seus grupos coreográficos e musicais. A alma desta grande obra [...] é o Sr. Eurico Sales Viana, incansável artista que lhe tem consagrado o melhor do seu esforço inteligente (*O Século*, 27/5/1949).

Um dos eventos a que a evocação albicastrense da sua memória mais apela é, aliás, o cortejo de oferendas de Castelo Branco, animado por Sales Viana, em 1947, em benefício da Misericórdia, onde se exibiram ranhos folclóricos e “tipos regionais” vários da Beira Baixa (cf. *A Beira Baixa*, 11/10/1947)¹⁵. Sales Viana é assim, fundamentalmente, um encenador da cultura popular. Este pendor esteticizante na aproximação à etnografia pode ser explicado, em parte, pelo seu percurso individual. Marcado por uma clara inclinação para as artes, terá estudado arquitectura em Coimbra (cidade donde era natural), tornando-se, nos anos 10, professor de Desenho no Liceu de Castelo Branco (cf. *A Era Nova*, 29/1/1928). Em 1927, assume funções na Câmara Municipal da mesma cidade, onde permanece até 1945. De acordo com a documentação existente, Sales Viana era nesta data funcionário do Serviço de Obras com o cargo de desenhador topógrafo¹⁶. Apesar de não ser arquitecto, assina vários projectos: o edifício do Banco de Portugal, em Castelo Branco, é da sua autoria¹⁷, bem como várias casas particulares no distrito¹⁸. Colabora no terceiro volume do *Guia de Portugal*, descrevendo itinerários da cidade de Castelo Branco, atento aos seus monumentos, igrejas e edifícios mais imponentes, mas também ao traçado das ruas e jardins¹⁹.

Segundo o jornal *A Era Nova*, Sales Viana é, ainda nos anos 20, delegado em Castelo Branco do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.^a Circunscrição. Neste contexto, projecta uma “grande exposição dos produtos de todo o distrito”,

¹⁴ Segundo informação de António Afonso Arnel, já na velhice de Sales Viana, ou postumamente, um dos jornais de Castelo Branco terá publicado regularmente uma coluna semanal onde eram apresentados textos da autoria daquele etnógrafo dedicados à música popular. Não nos foi possível, contudo, detectar estes escritos.

¹⁵ O cortejo de oferendas de Castelo branco tem uma segunda edição em 1950, cuja organização se deve também a Sales Viana.

¹⁶ Cf. Cadastro de funcionário, Câmara Municipal de Castelo Branco. Em 1945, depois de largos anos como funcionário da Câmara Municipal, é nomeado director-delegado dos Serviços Municipalizados, onde permanece até à sua reforma, em 1961.

¹⁷ Cf. *Guia de Portugal*, Vol. III, p. 661.

¹⁸ Segundo a Dra. Maria Cecília Campos Ferreira, entre essas casas contam-se as do Dr. Frederico Conde, na Av. Nun'Álvares, a casa da família Grave e a casa do Sr. Laia Nogueira, em Vila Velha de Ródão.

¹⁹ Sobre a sua actividade nesta área, cf. Calmeiro 1989: s.p.

fazendo parte da sua comissão executiva e subcomissão artística (cf. *A Era Nova*, 19/6/1927 e 7/10/1927). Sales Viana afirmava-se, assim, muito antes da colaboração com o SPN, como organizador de certames e mostras várias. Uma das funções atribuídas àquele conselho era, aliás, a de “organizar exposições destinadas a estimular a actividade artística nacional e nas quais se farão aquisições para os museus; e, bem assim, exposições que tenham por objecto tornar conhecido um artista, uma época, um ramo de arte decorativa ou popular, etc.”²⁰. Nesta medida, podemos também colocar a hipótese de que em 1927, pelo menos de acordo com a letra da lei, Sales Viana já estaria sensibilizado para a temática da arte popular. Entretanto, participava na encenação e decoração de vários eventos, como, por exemplo, no cortejo carnavalesco da cidade, em 1931 (cf. *A Era Nova*, 14/3/1931), e nas celebrações albicastrenses do quinto centenário da morte de Nun’Álvares Pereira, em 1932 (cf. *Id.*, 6/2/1932).

Pelo menos desde 1929 Sales Viana mostra o seu interesse pela etnografia, assinando alguns artigos dedicados ao cancionero da Beira, onde apresentava o resultado da sua recolha de canções populares e ao qual juntava uma pequena “nota etnográfica”²¹. Será, no entanto, a partir do Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, em 1938, e com as comemorações dos centenários (da Independência e da Restauração), em 1940, que o seu envolvimento nas práticas etnográficas se tornará mais visível. Nesta altura sobressaem as suas iniciativas em torno das colchas de Castelo Branco, dedicando-se à orientação artística da Escola de Bordados fundada pela Junta de Província em 1940 e organizando uma grande exposição que lhes é dedicada na capital da província, em 1941²². No jornal de Castelo Branco *A Beira Baixa*, Sales Viana aparece como “[...] a abelha-mestra sem a qual a exposição não teria o brilho, a grandeza, o bom gosto, a graça que tão gratas recordações nos deixaram” (10/5/1941). Fez, aliás, parte de uma comissão encarregue de seleccionar os exemplares a figurarem nessa exposição (cf. *id.*, 29/7/1939), pensada para as comemorações do duplo centenário e depois adiada. As colchas serão entretanto uma fonte de inspiração para a sua actividade artística: por um lado, cria desenhos originais que serão reproduzidos nos bordados²³; por outro, utiliza os motivos tradicionais das colchas nos seus projectos de arquitectura²⁴ e nas peças decorativas que concebe²⁵. A sua actividade artística é assim uma constante na relação que estabelece com o material etnográfico, seja porque é sobretudo um encenador

²⁰ Cf. Lei n.º 1700, de 18 de Dezembro de 1924. Agradeço a João Cabral, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais, a facultação dos dados jurídicos relativos ao Conselho de Arte e Arqueologia.

²¹ Cf. *Terra da Beira*, 15/9/1929 e 1/10/1929. Devo esta informação ao Sr. Arnel Afonso, a quem muito agradeço.

²² Sobre o papel de Eurico Sales Viana na revitalização das colchas de Castelo Branco, cf. Clara Vaz Pinto 1993: 94 e 101.

²³ Nos anos 50, Sales Viana foi co-director artístico da firma Casa-Mãe das Colchas de Seda, de Elísio José de Sousa. Neste contexto desenha a colcha que será oferecida a Isabel II de Inglaterra na sua visita a Portugal. Cf. Pinto 1993: 101.

²⁴ Informação concedida por Maria Cecília Sales Viana Campos Ferreira, que referiu, como exemplo, o edifício da Farmácia Grave, no centro de Castelo Branco.

²⁵ Maria Cecília Campos Ferreira possui em sua casa um candelabro de ferro forjado, da autoria de seu pai, cuja concepção foi inspirada nos motivos do bordado de Castelo Branco.

da cultura popular, seja porque se inspira nesse material para a sua própria criação artística.

Em Castelo Branco, como demonstram os jornais locais, era tratado por arquitecto, título de cortesia que corroborava o exercício da profissão, bem como um elevado estatuto social. Com efeito, Sales Viana frequentava os círculos da elite albicastrense, onde sobressaem a família Almeida Garrett ou a família Vaz Preto, de quem era especialmente amigo. Aliás, é para uma casa apalaçada dos Vaz Preto que ele desenha todo o mobiliário, peças decorativas e espaços interiores. Também é amigo do presidente da Junta de Província da Beira Baixa à data das comemorações centenárias, o padre José Ribeiro Cardoso, monárquico, jurista e, ele próprio, muito ligado às famílias socialmente mais prestigiadas de Castelo Branco²⁶. Esta amizade é de capital importância, pois está na base da colaboração em torno de iniciativas dedicadas às colchas de Castelo Branco.

Ao mesmo tempo que se movimenta no seio de indivíduos e grupos de alta posição social, Sales Viana é, desde cedo, apoiante da ditadura militar e do regime que se lhe seguiu. Em 1927, é editor e redactor principal de *A Era Nova* (n.º 1, 27/2/1927), jornal de Castelo Branco que abraça o golpe de 28 de Maio e a nova situação, defendendo, na linha das ideias de Rolão Preto (que, aliás, colabora neste periódico), o sindicalismo orgânico “construtivo e nacionalista, respeitador da religião e da família, da ordem e do trabalho” contra o sindicalismo revolucionário (*A Era Nova*, 27/2/1927). Mais tarde é membro da União Nacional e um apoiante claro de Salazar²⁷.

A partir de certa altura, Sales Viana torna-se amigo de Francisco Lage e de Cardoso Marta, etnógrafo que colabora em múltiplas actividades do SPN/SNI²⁸. Não se trata, assim, apenas de um erudito marcado pelos valores do seu grupo social. Quando, em 1942, participa na pequena exposição sobre Monsanto que dá origem à troca de correspondência com Lage (como veremos), ele já estava profundamente embuído do mesmo espírito que marcava o Secretariado. Os dados que temos apontam para o Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, ocorrido em 1938, como a iniciativa que terá dado começo a uma relação que se prolonga, pelo menos, até ao princípio dos anos 50. Em 1939-40, é, juntamente com Luís Chaves²⁹, o principal responsável pela concepção e organização do Centro Regional, parte da Exposição do Mundo Português dedicada à “etnografia da metrópole” (cf. SNI 1957)³⁰.

²⁶ Obtive os dados sobre o seu círculo de amizades através da entrevista com Maria Cecília Campos Ferreira. Em relação à família Vaz Preto, estes dados são corroborados em carta que Sales Viana dirige a Francisco Lage, a 12 de Junho de 1942, onde afirma: “Se me escrever amanhã é favor mandar a carta para Casa do Ex.mo Sr. Manuel Vaz Preto Giraldes — Lousa — Beira Baixa, onde devo passar a tarde de amanhã e o dia de domingo”. Os esboços que Sales Viana desenhou para os interiores da casa de Vaz Preto estão na posse de Maria Cecília Campos Ferreira.

²⁷ O apoio a Salazar está bem patente no relatório do júri da província da Beira Baixa. Ver Sales Viana 1939a: 111.

²⁸ Manuel Cardoso Marta, que fizera parte do júri nacional do concurso da Aldeia mais Portuguesa, dedica um conto a Sales Viana nas páginas da revista *Ocidente*. Cf. Marta 1939: 96-98.

²⁹ Luís Chaves é um íntimo colaborador do SPN, mas a sua actividade etnográfica desenvolveu-se muito antes da instauração do Estado Novo, tendo trabalhado desde 1912 no antigo Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos e escrito inúmeros trabalhos dedicados à arte popular nos anos 10 e 20.

³⁰ De acordo com o testemunho de sua filha, nesta altura Eurico Sales Viana vive dois anos em Lisboa.

Ainda no contexto dos centenários, o seu nome aparece novamente ligado ao de Luís Chaves na já referida comissão responsável pela escolha dos exemplares de colchas de Castelo Branco que deveriam fazer parte de uma exposição, em 1940. Na capital, a sua figura já ganhara bastante visibilidade em 1939, quando se promove a gala de entrega do prémio a Monsanto, no Teatro D. Maria II, e o seu nome aparece como co-responsável pela actuação do grupo de Monsantinos, que vai receber o Galo de Prata. Ao mesmo tempo é um dos grandes animadores das festas dos centenários em Castelo Branco: está ligado, designadamente, à Parada Regional Folclórica (cf. *A Beira Baixa*, 7/9/1940) apresentando, ao mesmo tempo, um projecto para a criação de um museu etnográfico na mesma cidade (cf. Viana 1940).

Ainda em 1942, depois da mostra “A Aldeia de Monsanto”, organiza uma nova exposição do SPN dedicada às colchas de Castelo Branco, onde sobressai o cuidado no arranjo decorativo das peças e, ao mesmo tempo, a tentativa de evocar relações sociais já desaparecidas, trajando as bordadoras com fatos do século XVIII. Mais tarde é responsável pela organização de um concurso de ranchos folclóricos promovido pelo Secretariado em Castelo Branco (cf. *A Beira Baixa*, 14/6/1948) e encarregue da recolha de objectos para a sala das Beiras no Museu de Arte Popular³¹. Escreve o *Cancioneiro de Monsanto*, editado pelo SNI em 1947.

Sales Viana e Monsanto

Apesar de a colaboração entre Sales Viana e o SPN/SNI ter sido bastante intensa e prolongada, analisá-la-emos a partir da exposição evocadora de Monsanto, montada em 1942. Como dissemos, foi a correspondência trocada entre Sales Viana e Lage a propósito de tal iniciativa que sugeriu este estudo de caso. De facto, tratava-se de um episódio quase único no quadro das iniciativas etnográficas do SPN/SNI, uma vez que a proximidade geográfica que normalmente pautava as relações entre os principais intervenientes num evento dispensava a troca de ideias por escrito, não dando visibilidade a muitos aspectos da organização interna das iniciativas.

Ao mesmo tempo, serão analisados os contornos do próprio Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, tal como ele decorreu na antiga província da Beira Baixa — iniciativa em que Sales Viana participa com grande destaque —, bem como outros eventos evocadores da povoação, igualmente organizados pelo Secretariado com a colaboração do etnógrafo albicastrense. Assim, quer através dos dados sobre a exposição, quer através de notícias de jornal sobre o concurso, examinaremos os bastidores da construção de um dos pilares dos discurso oficial do SPN/SNI sobre o mundo rural, e o lugar aí ocupado por Sales Viana.

³¹ É de registar o facto de Sales Viana ter estado igualmente envolvido na escolha de colchas de Castelo Branco para a exposição “Arte Popular Portuguesa”, apresentada em Madrid no ano de 1943, como dado que, embora de menor importância, complementa o quadro da sua colaboração com o SPN/SNI.

A imagem do Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal no discurso do SPN/SNI: a "revelação natural da cultura popular"

Em 1948, no discurso de inauguração do Museu de Arte Popular, Ferro oferece um panorama dos antecedentes que terão permitido a criação do mesmo museu. Detendo-se no Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, evoca-o como "[...] a grande sondagem, a profunda escavação, o definitivo mergulho na terra portuguesa, a principal contribuição para o museu que estamos inaugurando". E acrescenta, num estilo que lhe era habitual:

De norte a sul, o povo português foi buscar ao fundo das suas arcas, ao mistério das suas gavetas, à noite dos seus velhos armários, à saudade das suas velhas canções, tudo quanto era passado ainda com restos de vida (1948b: 19).

Estas palavras do secretário nacional fornecem assim um dado quadro de procura do popular: por um lado, transmite-se a ideia de um contacto não mediado com as supostas raízes da cultura popular, ideia bem patente na metáfora do mergulho; por outro, estaríamos perante uma revelação espontânea das tradições: o povo, pelos baús, à procura de si mesmo. Ferro tinha já adoptado esta imagem romântica em 1939, no discurso pronunciado na gala de entrega do prémio Galo de Prata a Monsanto. Dizia ele que

Este concurso vale, sobretudo, pelo pretexto que nos dá de mergulhar na terra portuguesa, de lhe arrancar alguns dos seus segredos, de encontrar aqui e além escondidas entre as rochas, no alto das montanhas, ou no coração dos vales, as nascentes da raça (SNI 1947: s.p.).

Entretanto, Monsanto, a aldeia que ganhou o primeiro prémio, foi constantemente revisitada pelo discurso e iniciativas do Secretariado, tornando-se também ela um emblema da suposta actividade de descoberta das raízes da cultura popular. Em seu nome realizaram-se várias iniciativas, entre as quais a já mencionada Festa de Gala de 1939, onde é entregue o prémio Galo de Prata aos Monsanto, e a publicação de um livro, cujo título é justamente *Monsanto*, em 1947. Mantinha-se assim viva a própria imagem do concurso.

Leituras de um epistolário: a organização das iniciativas analisada a partir de dentro

Os dados patentes na correspondência relativa à organização da exposição "A Aldeia de Monsanto", revelam, contudo, uma outra aproximação àquela povoação: mais mediada, onde a erudição local ocupa um lugar de maior destaque do que o "povo dos baús".

Andrée Rocha, escrevendo sobre epistolografia como género literário, afirma que o estudo da correspondência "irradia sobre grande número de escritores uma luz particularmente reveladora. Como um raio X que ilumina órgãos vitais, ajuda-nos a vencer a opacidade dos seres. É, sem dúvida, uma

visão de dentro, proporcionada pelas cartas, que constituiu a experiência mais singular de tão longas e, por vezes, penosas, leituras." (1985: 10). Sem interesse literário, a correspondência que tratamos neste artigo possui, contudo, o mesmo dom que as epístolas dos escritores ao revelar as atitudes e concepções dos agentes encarregues de produzir uma imagem da chamada arte popular portuguesa. Sendo escritas sem as preocupações que envolvem as expressões de carácter público, estas cartas permitem o confronto com várias facetas menos claras do processo de montagem de uma exposição de arte popular. Como não trata de assuntos privados — apesar de aqui e ali assomarem sentimentos e emoções várias —, a correspondência em causa funciona sobretudo como um raio X de uma instituição.

Com efeito, apesar de breve, o epistolário apresentou-se como um instrumento valioso para perceber a aproximação do SPN à cultura popular. As cartas e ofícios trocados revelam uma discussão viva sobre a concepção da respectiva exposição, permitindo assistir à selecção efectiva de materiais etnográficos e à construção da imagem da população rural de Monsanto. Ou seja, a correspondência permite-nos observar os bastidores do funcionamento deste organismo do Estado Novo na elaboração de uma exposição de arte popular, iluminando, de forma ímpar, objectivos centrais das práticas etnográficas daquele organismo. Ficamos, assim, a conhecer algumas facetas daquilo a que podemos chamar o "método de trabalho do SPN" na área da etnografia, permitindo interrogar o discurso oficial do Secretariado sobre a sua própria prática. Se o estudo de documentação interna ao funcionamento das instituições pressupõe sempre o confronto entre a sua prática e a imagem que elas dão de si próprias, o tom informal daquele epistolário permite explicitar, de forma mais viva e impressiva, os desfasamentos em causa. Sendo documentos onde estão misturadas descrições de acontecimentos, trocas de ideias e emoções várias, permitem-nos apreender processos que outro tipo de documentação, de carácter mais burocrático, deixava apenas adivinhar. Para além das relações com os saberes da periferia, está assim em causa, na análise deste acervo, uma abordagem mais vasta sobre o método de trabalho do SPN/SNI.

Esteticização da cultura popular e selecção dos dados etnográficos

Na troca de impressões patente na correspondência elaborada a propósito da exposição de Monsanto, o que mais sobressai é a preocupação dos dois interlocutores com os efeitos visuais, e a conseqüente eliminação dos materiais etnográficos que não se adaptavam à encenação de um retrato esteticamente estimulante da aldeia de Monsanto. A ideia orientadora desta exposição era a de reunir quadros e desenhos de Carlos Botelho, fotografias ampliadas, uma maquete da aldeia, a planta decorativa e pitoresca da mesma, uma reprodução do Galo de Prata e quatro manequins em tamanho natural de trajos Monsanto. É assim pedida ajuda a Sales Viana, que tenta definir, juntamente

com Lage, os quatro trajos a expor³². Depois de uma primeira proposta em que Lage enumera os trajos que, na sua opinião, deveriam figurar na exposição (sem quaisquer justificações de ordem etnográfica), Sales Viana responde nos seguintes termos:

Quanto à escolha dos trajos a reproduzir parece-me que estão bem escolhidos o rabasteleiro e a rapariga de manteu e mantilha. O outro a que quererá referir-se é o trajo de mantilha de cerimónia (trajo de esposada). Agora em lugar da pastorinha que foi uma coisa arranjada um pouco à pressa com fim a efeito teatral para o festival de Monsanto em 1939, lembro-me de que seria mais conveniente escolher o trajo arraiano das raparigas. Sendo os três primeiros trajos um tanto tristes parece-me que haveria a ganhar com a alegria da moda arraiana [...]. Aqui (Monsanto) há também o trajo de trabalho dos homens — a chambra — que está vulgarizado de mais e que vem da fronteira do Alto Alentejo até à fronteira de Almeida. Outro trajo é o da capucha das velhas que também não interessa por ser humilde em demasia e sem nenhum efeito estético³³.

Segundo uma outra carta de Sales Viana, podemos concluir que os fatos não só foram sujeitos a uma selecção baseada em critérios estéticos, como objecto de uma reconstituição, de modo a apagar alguns traços de desgaste devido ao uso. Sales Viana informa que terá tentado, de acordo com a vontade de Francisco Lage,

[...] conseguir tanto quanto possível peças novas ou em bom estado e, enviando-lhe peças velhas ou em mau estado quando de todo seja impossível adquiri-las em bom uso, a fim de ser possível evitar despesas, demoras e trabalho. Sobre calçado, como é impossível mandar peças novas, ficou assente que se enviariam mesmo peças velhas a fim de se poderem reproduzir³⁴.

A recusa daquilo que pode mostrar a pobreza do camponês Monsanto é bem visível no ofício em que Lage avisa Sales Viana de que, para o caso do “rabasteleiro”, supõe “ser difícil obter um trajo completo aproveitável para a exposição, porque em geral trata-se de trabalhadores pobres e de vida bastante sórdida, até pela natureza da profissão”³⁵. O trajo de rabasteleiro que os visitantes da exposição evocativa de Monsanto viram foi, desta forma, confeccionado em Lisboa. As vestes originais denunciariam o que Francisco Lage achava ser a condição pobre destes ajudantes de pastores. Para o público das iniciativas do SPN, o rabasteleiro transformava-se, assim, na figura idílica que o concurso criara: “soprando a rústica avena de zagal virgiliano sobre o dorso de um penhasco, recortado no azul puríssimo do céu beirão” (Marta 1947: 19).

³² Ofício de 3 de Março de 1942.

³³ Carta s.d.

³⁴ Carta de 1 de Junho de 1942.

³⁵ Ofício de 30 de Abril de 1942.

Estamos, assim, perante um retrato vivo do processo de esteticização da cultura popular. A colaboração deste erudito de Castelo Branco junto do SPN/SNI é o exemplo de uma preocupação não com a descoberta mas com a encenação da cultura popular: a sua colaboração é sempre pautada por preocupações de cariz decorativo e de arranjo estético dos elementos etnográficos, as quais proporcionam um olhar altamente selectivo sobre a cultura popular. Entre Sales Viana e Francisco Lage não se discute a função do objecto, o seu processo produtivo ou os contextos culturais e rituais a que está submetido. Não é sobre tais aspectos que a exposição pretende debruçar-se, nem são tais assuntos que se pretende levar ao público. Promove-se a admiração pelo que se vê e, por isso, é pela simplicidade decorativa que um traje é recusado, mesmo que se trate de vestuário eventualmente mais usado do que a roupa exposta. Ao mesmo tempo, como já foi referido, estamos perante a eliminação de tudo o que pode denunciar a pobreza do Monsantino. Assim, a esteticização é também uma forma de criar uma imagem idílica do camponês.

*A fabricação de uma imagem idílica do mundo rural.
Monsanto em guerra com o SPN*

A criação de uma imagem idílica do camponês é tanto mais nítida quanto a exposição em causa é concretizada à revelia dos próprios Monsantinos, que, num contexto de reivindicação de melhorias para a aldeia junto do SPN e do conflito que se lhe segue, se recusam a emprestar os trajes necessários à mostra do Secretariado. Sales Viana relata estes problemas em carta enviada a Francisco Lage, dando conta de uma barreira intransponível que o separa dos Monsantinos. É assim que um dos trajes que Sales Viana e Lage decidiram apresentar na exposição — o «trajo arraiano» — não foi cedido pela população, como patenteia o catálogo da mesma mostra.

O conflito entre a aldeia e o SPN aparece espelhado na correspondência trocada entre o regedor da freguesia de Monsanto e Francisco Lage, em 1942 e 1943, a propósito do teor do prémio a que a povoação tinha direito. Enquanto o primeiro preferia dotar a aldeia de infra-estruturas várias, nomeadamente de um chafariz, o Secretariado privilegiaria os melhoramentos de cariz estético. Cabendo a última escolha a este organismo, ficou estipulado que o prémio consistiria num relógio para a torre de Lucano (a torre sineira de Monsanto) e no restauro da fachada da igreja paroquial. O descontentamento do regedor não deixou de ser expresso em carta dirigida a Lage: “[...] as aspirações desta freguesia concretizadas a V. Ex.a, mas logo repudiadas [...], eram evidentemente de uma amplitude maior do que aquelas a que se teve de limitar.” A propósito de desentendimentos em torno da concepção e execução do relógio da torre, o regedor chega a afirmar: “Basta, pois, de desilusões e aborrecimentos com que esta freguesia tem sido mimoseada a propósito do Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, em que entrou numa hora infeliz para as suas gloriosas

tradições”³⁶. Estes factos dão-nos uma imagem bem diferente da descrição da aldeia que Ferro oferecera, alguns anos antes, na cerimónia de entrega do Galo de Prata. Em 1939, Monsanto era

[...] a imagem empolgante da nossa pobreza honrada e limpa, que não inveja a riqueza de ninguém [...]. [O seu] [...] povo vive contente, a rezar, a dançar e a cantar, dando lições de optimismo às cidades fatigadas, pessimistas, compreendendo como poucos, o ressurgimento português, mais ávido de bens espirituais — a escola, a Igreja, a família — do que de bens materiais³⁷.

Como podemos verificar através da correspondência entre o regedor de Monsanto e Francisco Lage, este discurso não faz mais do que projectar, numa determinada comunidade, as representações que o SPN pretendia veicular sobre o mundo rural. Já em 1941 — antes, portanto, da discórdia relatada —, este desfasamento era ironicamente referido nas páginas de *A Beira Baixa*. Como que a pegar no mote de António Ferro, que evocava a aldeia enquanto exemplo da pobreza honrada e limpa, e os seus habitantes sempre a rezar, a dançar e a cantar, este articulista denunciava o desemprego dos Monsanto, afirmando que “os filhos de Monsanto são humildes, trabalhadores e divertidos, mas quando não têm trabalho só quem os conhece sabe como a tristeza os castiga” (7/6/1941)³⁸.

Outros dados sobre a construção erudita da aldeia de Monsanto

Sales Viana está assim integrado no processo de encenação de Monsanto motivado pelo concurso. Em 1939, está também presente na encenação do espectáculo que os Monsanto apresentam na festa de gala de entrega do prémio. A exibição é aplaudida pelo compositor Rui Coelho, que afirma, no *Diário da Manhã*, que nunca como naquele espectáculo vira manifestação de folclore tão pura (7/2/1939). Também Luís Chaves, referindo-se a esta representação, anuncia que “um grupo de cem figuras da aldeia colaborará na festa com as canções e as danças que cantam lá na terra e não foram feitas adrede para o bom janota ouvir” (1939:324). Tratava-se, no entanto, de um espectáculo ensaiado por Sales Viana, que, “perdendo noites sobre noites, vai e volta a Monsanto, cuidando de tudo, não se esquecendo dos mínimos pormenores, ralhando aqui, elogiando acolá [...]” (*A Beira Baixa*, 11/2/1939). Lembremos que neste espectáculo era exibida uma figura de pastorinha, que, segundo as palavras de Sales Viana, fora coisa arranjada à pressa com fim a efeito teatral (*sic*).

Como vemos, um discurso assente em metáforas várias vezes repetidas, como a de “mergulho na terra portuguesa”, contrasta claramente quer com o

³⁶ Carta de 18/2/1943.

³⁷ SNI 1947: s.p.

³⁸ Joaquim Pais de Brito refere a mesma disparidade, remetendo para o testemunho da obra de Fernando Namora, *Retalhos da Vida de Um Médico* (1949).

método de trabalho do SPN/SNI, quer com o peso que a elite local assume na definição e selecção dos dados etnográficos que devem representar Monsanto. A mediação de Sales Viana, consistindo na intervenção de um saber ligado a essa mesma elite, por um lado, e aos valores do SPN, por outro, demonstra que as iniciativas do Secretariado estão longe de poder ser equiparadas a uma revelação natural e imediata da arte popular. Aquela povoação é, desde o momento em que o concurso é lançado, um cenário onde se jogam valores que lhe são alheios, fruto do cruzamento entre as razões do poder e os interesses dos notáveis de Castelo Branco.

Na Beira Baixa, o concurso do SPN surge, desde logo, como problema político local. A iniciativa é lançada pouco depois da implantação administrativa de 1936 que cria as províncias³⁹, e em pleno conflito entre as capitais de distrito, acicatando, assim, as rivalidades que o novo arranjo do território tinha desencadeado. Entre os notáveis de Castelo Branco, cidade escolhida como sede da província da Beira Baixa, e os das outras cidades beirãs (Guarda e Covilhã), as lutas são intensas. Assim, é com oportunidade propagandística que o jornal *A Beira Baixa* não deixa de chamar atenção para o facto de as duas aldeias escolhidas para representarem aquela província no concurso do SPN — Monsanto e Paul — serem do distrito de Castelo Branco (v., e.g., 23/3/1940). Revelam assim, por detrás de uma falsa ingenuidade, que as questões bairristas não terão estado ausentes na escolha das aldeias. Não esqueçamos que a selecção das duas povoações a apresentar ao júri nacional cabia a um júri local nomeado pela Junta de Província sediada em Castelo Branco. No concurso estão assim em jogo, logo à partida, discussões da elite sobre interesses da elite.

Sales Viana faz parte do júri provincial, mas não se limita a escolher as aldeias. Ele está envolvido na própria encenação que é a exibição das mesmas ao júri nacional. O jornal *A Beira Baixa* afirma, a propósito da visita da comitiva do SPN, que o "Dr. António Joyce e Sales Viana, duas almas de artistas, os dois animadores de Paul e Monsanto, [...] empregaram os melhores esforços para o seu triunfo" (1/10/1938). O mesmo semanário relata ainda que, na igreja de Paul, o júri ouviu um coral de trezentas vozes "que o Dr. António Joyce havia afinado com mão de mestre, por considerá-lo uma preciosidade musical" (8/10/1938). Mais tarde, louvando a acção destas duas figuras, as autoridades de Castelo Branco evocam a forma como "o Dr. Joyce, artista requintado na arte divina da música, *joeirou com o seu saber* os cantares amorosos gerados na alma patriótica e amorosa da gente da Beira Baixa"; e como "Sales Viana, organização de artista requintado, *soube fazer realçar* o valor do nosso património folclórico" (10/12/1938, meus itálicos). Este é apenas um exemplo de como os eruditos de Castelo Branco — e aqui devemos associar ao nome de Sales Viana o de António Joyce — são os grandes criadores do quadro final que o júri nacional presenciou.

Assim, quer durante o Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal, quer no âmbito de outras iniciativas do Secretariado, Monsanto é sujeita a uma meticulosa construção por parte da elite local, que, seguindo critérios do próprio

³⁹ Sobre esta reforma administrativa, cf. José António Santos 1985.

SPN e orientando-se para um público erudito ⁴⁰, transforma aquela povoação concreta num símbolo do povo português. O Secretariado, ao mesmo tempo que apresenta a aldeia como puro testemunho de um suposto espírito nacional — falando de revelação espontânea e não mediada de costumes e tradições arcaicas —, submeteu Monsanto a uma cuidadosa depuração e esteticização, embelezando-a de acordo com os seus critérios estéticos e morais, e eliminando do retrato daquela povoação as facetas que não cabiam dentro da imagem que se pretendia veicular. Sales Viana e a erudição local são parte integrante deste processo, coligindo elementos e imagens que, tendo como referência Monsanto, são descontextualizadas e reintegradas num quadro de sentidos que lhe é exterior.

Sales Viana, intermediário ideal do projecto folclorista do SPN/SNI

Quando se nos deparou a correspondência entre Francisco Lage e Sales Viana, nada sabíamos sobre este etnógrafo local, suspeitando apenas que seria funcionário municipal em Castelo Branco — devido à utilização de cartas timbradas da Câmara — e de uma eventual ligação às elites albicastrenses, uma vez que Sales Viana se referia a estadas na casa de Manuel Vaz Preto Giraldes numa das suas missivas. Tentámos assim desvendar o perfil desta figura, identificando, através da leitura de jornais locais e de entrevistas várias, alguns traços da sua trajectória individual e inserção social. Pretendemos assim contribuir para identificar os mediadores das práticas etnográficas do SPN, de modo a perceber que preocupações orientavam o Secretariado na escolha dos seus intermediários no terreno, e em que parâmetros é que estes cooperavam com aquele organismo.

De acordo com o perfil que apresentámos, podemos afirmar, antes de mais, que em Sales Viana os interesses etnográficos eram inseparáveis de uma vocação artística e estética que permeou toda a sua vida. Tal é bem visível na sua aproximação ao bordado de Castelo Branco, que ele não se limita a estudar, mas que ajuda a recriar através de desenhos originais. Nos anos 20, como vimos, ao mesmo tempo que escrevia “notas etnográficas” para os jornais, concebia exposições distritais. Em 1921, já Sales Viana se envolvia numa polémica com o director do museu fundado por Francisco Tavares de Proença Júnior, mostrando uma particular sensibilidade para a disposição dos objectos no espaço nas críticas que dirige a Paiva Pessoa:

Trata-se actualmente dum Museu de Antiguidades onde a monte, sem ordem e sem cenografia se acumulam preciosidades das mais distantes épocas à mistura com um bric-à-brac que indecoroso [...] (*A Província*, 20/1/1921) ⁴¹.

⁴⁰ A exposição de 1942, por exemplo, é montada no espaço que o SPN vocacionava para as exposições de arte moderna sendo, por isso, um local de frequência elitista. Note-se também que uma das primeiras iniciativas que o Secretariado projecta para Monsanto é um rali automóvel, preparando-se e alindando-se a aldeia para esse efeito (cf. *A Beira Baixa*, 5/11/1938).

⁴¹ Não sabemos se Sales Viana é justo nas suas acusações. Apenas procuramos demonstrar que desde muito cedo se interessou pela encenação de objectos. Agradeço a Clara Vaz Pinto, que chamou a minha atenção para este episódio.

Nesta medida, a escolha de Sales Viana como colaborador do SPN/SNI e a sólida permanência no tempo das relações estabelecidas residirá, talvez, na aptidão deste etnógrafo local em encenar elementos etnográficos, transformando-os em material visualmente atraente. Neste erudito local, o SPN não procuraria tanto o estudo e a produção de novos conhecimentos — como pode indicar a escassa bibliografia etnográfica de Sales Viana —, mas a capacidade de encontrar e seleccionar objectos “etnográficos” passíveis de serem expostos e de pensar em formas de encenação da cultura popular esteticamente eficazes. Sales Viana é de facto, no contexto das actividades do SPN/SNI, sobretudo um garante do “bom gosto” no tratamento do material etnográfico; um erudito que alia o interesse pela etnografia a uma capacidade exemplar de criação plástica e decorativa, defendendo até a subjugação do primeiro ao interesse estético: é assim que, em 1965, critica o caminho escolhido por Armando Leça quando, vinte cinco anos antes, procedia à recolha do folclore português no contexto das comemorações centenárias:

Embora músico de mérito, Leça desconhecia que entre as gentes do povo há quem cante bem ou cante mal, quem tenha boa ou má voz, quem disponha de bom ou mau ouvido, quem esteja atento ou desatento, quem seja dotado de boa ou má memória e... da recolha feita... saíram quase só grunhidos, cacarejos e uivos, tornando-se necessário atirar tudo para o carro do lixo (Viana 1965).

Podemos assim dizer que a relação do Secretariado com este etnógrafo se insere plenamente num quadro de apropriação da cultura popular dominado por processos de esteticização dos dados etnográficos, que prevalece no programa folclorista daquele organismo.

Entretanto, Eurico de Sales Viana é, igualmente, alguém muito próximo das elites e do poder de Castelo Branco, com sinais visíveis de proximidade ideológica ao regime, denotando a tendência para uma abordagem conservadora da cultura popular, apta a valorizar os elementos mais próximos da ideologia do regime. Uma visão tradicionalista da sociedade está expressa, por exemplo, na sua interpretação das colchas de Castelo Branco, quando apresenta estes bordados como testemunhos de um bom gosto (*sic*) inseparável de relações sociais já desaparecidas, onde predominariam valores como a união da família e a virgindade (cf. Viana 1939). Podemos também afirmar que a sua aproximação à arte popular é profundamente elitista: defendendo a permanência dos traços arcaicos das canções populares, por um lado ⁴², é ele próprio um agente da inovação das colchas de Castelo Branco ao estilizar os seus motivos tradicionais (cf. Pinto 1993: 101). Assim, quer o círculo social onde Sales Viana se movimenta, quer as posições políticas que defende, enquadram a sua vocação estética e etnográfica num quadro de valores culturais e sociais con-

⁴² Num projecto de criação de um museu de etnografia, defende a angariação de uma colecção de discos de canções populares “[...] flagrantes de verdade, embora limpos dos insultos de inovadores atrevidos, lavados dos desacertos de ensaiadores mal acautelados, livres de corruptelas de memórias infieis e isentos de desafinações dos mastigados insaciáveis” (*A Beira Baixa*, 13/1/1940).

servadores, transformando-o num interlocutor ideal do SPN/SNI nas suas práticas folcloristas.

Conclusões

Os etnógrafos locais como mediadores de um discurso nacional

Do que fica dito, e pela análise da correspondência e das notícias sobre o concurso, podemos concluir o seguinte: ao recorrer a Sales Viana, o SPN está a alicerçar-se num saber que, embora geograficamente perto do terreno, está imbuído de valores mais próximos do próprio Secretariado e da elite local em que está inserido do que da comunidade que se pretende representar. Sales Viana não é apenas alguém apto a encenar a cultura popular da Beira Baixa; é alguém que o faz dentro de parâmetros semelhantes aos do próprio órgão central de propaganda, contrariando assim a visão de uma descoberta não mediada da cultura popular, de que o Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal seria o máximo paradigma. O cargo de grande relevo que Eurico de Sales Viana deteve no Centro Regional da Exposição do Mundo Português é bem revelador não só da sintonia entre os critérios do poder central e os da erudição local que colabora com o SPN, mas também da procura dessa sintonia por parte do Secretariado, a partir da qual se faz a abordagem à cultura popular.

O concurso é talvez o tipo de iniciativa que melhor espelha tal procura. Acto quase inaugural das iniciativas etnográficas do SPN/SNI — no lançamento da Comissão de Etnografia Nacional anuncia-se como primeiro projecto de trabalho um concurso de trajes —, esta prática vai acompanhar diversas iniciativas do Secretariado ao longo dos anos, sendo o mais célebre aquele que em 1938 pretendeu eleger a aldeia mais portuguesa de Portugal. Ora, o concurso implica que os saberes locais sejam orientados, quer a montante quer a jusante, pelo órgão central de propaganda, o qual, por um lado, define as regras que balizam a procura e a recriação dos dados etnográficos e, por outro, coloca indivíduos próximos do SPN nos júris que controlam a adequação às suas normas. A etnografia local é assim aproveitada em função de regras que lhe são exteriores, com vista a satisfazer critérios de olhares vindos de fora. Como diz Raquel Pereira Henriques, no âmbito da política do espírito de Ferro, “A festa e o concurso pretendem ser lições de estética” (1990: 55).

O relatório que Sales Viana escreve enquanto membro do júri provincial do Concurso da Aldeia mais Portuguesa de Portugal — falando da habitação, do mobiliário, do vestuário, das artes e indústrias populares (quatro dos oito pontos a que o regulamento do concurso se referia (cf. SNI 1947: s.p.) — evoca sobretudo “o povo-esteta” (1939: 108), alertando para a faceta decorativa das casas, dos trajes, etc. Não se trata aqui de uma mera inclinação individual ou o resultado do confronto com a realidade da povoação. O «povo esteta» é uma categoria fundamental no discurso do SPN/SNI, aquela que permite exhibir,

interna e externamente, a cultura popular enquanto objecto apologético da nação. Esta postura não podia enquadrar-se melhor no projecto etnográfico do organismo central. A diferença transforma-se em exotismo e a diversidade etnográfica do país é assim reduzida a um conjunto de tipos regionais e locais que servem para salientar um mesmo aspecto: o suposto espírito artístico, lírico e poético do povo português ⁴³.

O SPN/SNI, beneficiário da erudição local

Mas, se não é por acaso que Sales Viana salienta o lado artístico da cultura popular, contribuindo para que fossem valorizados os elementos que possuíssem «efeito estético» ou propondo a eliminação dos mais modestos, é de notar, contudo, que a acção do folclorista não se assemelha a uma reprodução mecânica e automática da «cartilha» do SPN/SNI. Basta ter em conta a análise da sua trajectória pessoal, revelando um perfil onde o interesse pela etnografia e a capacidade de organizar e encenar eventos já se afirmavam desde os anos 20. A nosso ver, estamos assim, sobretudo, perante uma aproximação selectiva ao saber local que privilegia os intermediários vocacionados para a exploração da faceta estética da cultura popular. Este organismo age assim mais por mecanismos de selecção do que de fabricação: escolhendo, depurando, o Secretariado tenta integrar os dados do saber local na imagem da nação construída a partir do centro.

No que diz respeito a Monsanto, é, aliás, de salientar que o SPN/SNI é beneficiário de um processo de folclorização promovido pelas elites locais de Castelo Branco, anterior ao próprio concurso. Embora esta iniciativa tenha sido apresentada pelo Secretariado como aquela graças à qual o povo foi buscar às suas arcas a tradição esquecida desde há muito — discurso através do qual o regime se legitima, apresentando-se como defensor do renascimento da nação —, Monsanto era afinal uma terra há longo tempo glorificada pela elite local. Em 1927 o jornal albicastrense *A Era Nova*, congratulando-se com a promoção daquela povoação a vila, chamava-lhe a linda Sintra da Beira, elogiando-lhe os pergaminhos de terra nobre (27/2/1927). Monsanto é, depois, celebrada no IV Congresso das Beiras, realizado na cidade de Castelo Branco, em 1929: “Em Monsanto, relíquia do passado glorioso, devia realizar-se, para bem dizer, a última e definitiva reunião dos congressistas, a última grande festa do congresso” (Dias 1931: XLIV). O programa desta iniciativa incluía, assim, um “almoço servido por moças daquela vila com seus trajes regionais”; danças e as “canções a Santa Cruz” (Dias 1931: XXIX). No volume que Jaime Lopes Dias dedica à descrição deste congresso surgem várias fotografias daquela povoação

⁴³ Alguns autores têm, aliás, salientado que a valorização da esfera local surge, várias vezes, associada à construção simbólica da nação (cf. Thiesse 1991; Roth 1989). Os seus estudos sugerem que aquilo que à primeira vista pareceria irreconciliável — apelo ao regionalismo e valorização da nação — pode ser, afinal, algo de profundamente interdependente.

onde as mulheres posam em trajos usados para o momento. Joaquim Pais de Brito sugeriu que traços distintivos daquela povoação, como os símbolos de um passado glorioso ou a sua configuração arcaica, permitiram vislumbrar Monsanto como a alegoria perfeita de um país imaginado, justificando assim o destaque que lhe fora dado (cf. 1982: 532). Eu acrescentaria que, com o concurso, o SPN aproveita muito do investimento local vindo de trás, e talvez esteja aqui mais uma das razões da vitória de Monsanto. À data do concurso, tratava-se de uma povoação fortemente monumentalizada e folclorizada pela erudição local e, por isso, já sancionada enquanto objecto de tradição.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, Joaquim Pais de, 1982, "O Estado Novo e a aldeia mais portuguesa de Portugal", AAVV, *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- CALMEIRO, José António, 1989, sem título, *Adufe*, VI(6), s.p.
- CHAVES, Luís, 1939, "Nos Domínios da Etnografia e do Folclore", *Ocidente*, IV(10), 312-324.
- CHAVES, Luís, e Manuel Cardoso MARTA, 1936, *Arte Popular Portuguesa*, Lisboa, SPN.
- CORDEIRO, Adelino, 1936, *Etnografia da Beira. Costumes de Penamacor*, Viana, A Aurora do Lima.
- , 1937, *Etnografia da Beira. Religião e Crenças, Lendas e Costumes de Penamacor*, Viana, A Aurora do Lima.
- , 1938, *Economia, Cantos Populares e Costumes de Penamacor*, Castelo Branco, Tipografia Portela Feijão.
- , 1939, *A Língua e a Literatura Popular de Penamacor (da Etnografia da Beira)*, Castelo Branco, Tipografia Portela Feijão.
- DIAS, Jaime Lopes, 1926-1977, *Etnografia da Beira*, 11 vols.
- , 1931, *IV Congresso e Exposição Regional das Beiras*, Castelo Branco.
- FERRO, António, s.d., *Verde-Gaio*, Lisboa.
- , 1940, sem título, *Vida e Arte do Povo Português*, Lisboa, edição da secção de propaganda e recepção da Comissão Nacional dos Centenários, s.p.
- , 1948a, *Apontamentos para Uma Exposição*, Lisboa, Edições SNI.
- , 1948b, *Museu de Arte Popular*, Lisboa, Edições SNI.
- FRANCO, José, 1944, *Linhares. Terra Beiroa. Esboço Monográfico*, s.l., SPN.
- HENRIQUES, Raquel Pereira, 1990, *António Ferro. Estudo e Antologia*, Lisboa, Alfa.
- HERZFELD, Michael, 1986, *Ours Once More. Folklore, Ideology and the Making of Modern Greece*, Nova Iorque, Pella.
- KARNOUHU, Claude, 1990, *L'Invention du peuple. Chroniques de Roumanie*, Paris, Arcantere.
- LAGE, Francisco, Luís CHAVES e Paulo FERREIRA (org.), 1940, *Vida e Arte do Povo Português*, Lisboa, SPN.
- LÖFGREN, Orvar, 1993, "Materializing the Nation in Sweden and America", *Ethnos*, 58 (II-IV), 161-196.
- MARTA, Manuel Augusto Cardoso, 1939, "O Milagre dos Cães da Serra", *Ocidente*, VIII (20), 96-98.
- MARTA, Manuel Augusto Cardoso, e Adolfo Simões MULLER, "Evocação de Monsanto", *Monsanto*, Lisboa, Edições SNI, 5-42.
- Ó, Jorge Ramos do, 1992, "Salazarismo e cultura", SERRÃO, Joel, e António Oliveira MARQUES (dir.), *Nova História de Portugal*, XII; Fernando ROSAS, *Portugal e o Estado Novo*, Lisboa, Editorial Presença, 391- 454.
- PAULO, Heloísa, 1994, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva.
- PINTO, Clara Vaz, 1993, *Colchas de Castelo Branco*, SILVIP/Instituto Português de Museus.
- ROCHA, Andrée, s.d., *A Epistolografia em Portugal*, s.l., Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ROTH, Martin, 1989, "Collectionner pour accumuler? A propos des musées ethnographiques et historiques régionaux en Allemagne et en France", *Terrain*, 12, 125-137.
- SANTOS, José António, 1985, *Regionalização. Processo Histórico*, Lisboa, Livros Horizonte.
- SNI, 1947, *Monsanto*, Lisboa, Edições SNI.
- SNI, s.d., *Mundo Português. Imagens de Uma Exposição*, Lisboa, SNI.

- SOUSA, Ana Teresa Santos de, e Paulo LIMA, 1995, "Inventariação e Tratamento do Espólio de José António Pombinho Júnior — Um Investigador Portelense", *Assumar. Boletim Municipal*, n.º 1 (II série), Agosto-Outubro.
- SPN, 1937, *Quelques images de l'art populaire portugais*, Lisboa, SPN.
- SPN, 1942a, *Exposição da Aldeia de Monsanto*, s.l.
- SPN, 1942b, *Vida e Arte do Povo Português*, s.l.
- THIESSE, Anne-Marie, 1991, *Écrire la France*, Paris, PUF.
- TREVOR-ROPER, Hugh, 1989 [1983], "The Invention of Tradition: the Highland Tradition of Scotland", HOBSBAWM, Eric, e Terence RANGER (eds.), *The Invention of Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press.
- VIANA, Eurico de Sales, 1939a, "Concurso da Aldeia mais portuguesa. relatório do Júri Provincial da Beira Baixa, V — Da Indústria, da Habitação e do Traje", *Ocidente*, V(12), 106-111.
- , 1939b, "Concurso da Aldeia mais Portuguesa. Relatório do Júri Provincial da Beira Baixa. V — Da Indústria, da Habitação e do Traje. Do interior das Habitações", *Ocidente*, V(13), 392-404.
- , 1939c, "Folclore da Beira Baixa. As Colchas de Noivado", *A Beira Baixa*, 5 de Agosto.
- , 1940, "Etnografia da Beira Baixa — II. O Museu Popular da Província", *A Beira Baixa*, 13 de Janeiro.
- , 1942, "Algumas palavras", *Exposição de Colchas de Noivado*, Lisboa, SPN.
- , s.d., "Descrição e itinerário", *Guia de Portugal*, Vol. III- Beira, Tomo II- Beira Baixa e Beira Alta, 2.ª ed., 654-671.
- , 1947, "Cancioneiro de Monsanto", *Monsanto*, Lisboa, Edições SNI.
- , 1957, *A Colcha de Sua Majestade a Rainha Isabel II de Inglaterra*.
- , 1965, "O Folclore Nacional em Estereótipos de Agonia", *A Beira Baixa*, 4 de Abril.
- , 1967, *O Trajo Popular na Beira Baixa*, Junta Distrital de Castelo Branco.
- WILSON, William A., 1976, *Folklore and Nationalism in Modern Finland*, Bloomington-Londres; Indiana University Press.

PERIÓDICOS

- a) Principais jornais consultados:
- A Era Nova*, Castelo Branco, n.º 1, 1927.
- A Beira Baixa*, Castelo Branco, n.º 1, 1937.
- Reconquista*, Castelo Branco, n.º 1, 1945.
- b) Outros periódicos:
- A Província*, 1921.
- Terra da Beira*, 1929.
- Jornal Português*, 1935.
- Diário da Manhã*, 1939.
- O Século*, 1949.

Vera Marques Alvès

LOCAL ETHNOGRAPHERS AND THE SECRETARIADO
DA PROPAGANDA NACIONAL: A CASE STUDY

In the context of a wider research on the ethnographic practices and representations of "Estado Novo" — the Portuguese right-wing dictatorship that ruled from 1933 to 1974 —, this article examines the relations between local folklorists and SPN/SNI — the propaganda department of the regime. It focus on Sales Viana — a folklorist of Beira, one of the Portuguese main provinces: it looks upon his co-operation with SPN as an example of the way in which the nationalistic discourse of this state department promoted his own image of Portuguese folk culture.

Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTE)
Doutoranda em Antropologia Social no ISCTE
Bolseira do Programa PRAXIS XXI